

*Discurso dos excelentíssimos senhores
senador Esperidião Amin e presidente da
República, Fernando Henrique Cardoso*

GRANJA DO TORTO, BRASÍLIA, DF, 19 DE MARÇO DE 1996

Senador Espiridião Amin: Senhor Presidente, Senhores Governadores, Nosso Companheiro de Senado Amazonino Mendes, Companheiro e Amigo, e Governadores Siqueira Campos e Neudo Campos, respectivamente dos Estados do Amazonas, Tocantins e Roraima, Caros Companheiros Líderes, Eptácio Cafeteira, nosso Líder no Senado, Odelmo Leão, Líder na Câmara dos Deputados, representando todos os nossos Parlamentares com o vigor e a energia daqueles que têm fé. Permito-me saudar toda a bancada do nosso partido na pessoa do nosso Ministro, Deputado, Companheiro e Amigo Roberto Campos, Temos aqui também, Senhor Presidente, alguns Presidentes de diretórios estaduais, e eu me permito saúda-los nas pessoas dos nossos ex-Governadores de Santa Catarina, Ivo Silveira e Colombo Machado Sales, que, para nós daquele Estado, sempre foram exemplos de dedicação à causa pública, exemplos que os nossos companheiros sempre procuraram seguir,

Vossa Excelência manifestou o desejo de promover este encontro, sabendo da realização da Convenção do nosso partido. É a primeira

Convenção depois da fusão do PPR com o PP, e aqui me permito saudar aqueles que foram e são artífices dessa fusão, nas pessoas do Vice-Presidente Vadão Gomes – e foi por isso que eu fiz questão que ele pudesse me ouvir, em vez de ouvir alguma outra voz talvez mais simpática – e o Deputado Francisco Dornelles, que sintetizam o esforço, o desprendimento com que se promoveu a fusão do PPR com o PP; fusão que, é bom registrar, teve, sem dúvida alguma, inquestionavelmente, o privilégio de contar com mais do que a simpatia, contou, sim, com o estímulo do Presidente Fernando Henrique Cardoso.

Logo depois da Convenção, da fusão, nós lhe dissemos estas palavras, e faço questão de repeti-las hoje. O PPB é, portanto, o estuário de legendas como a do PDC – e estou diante do Presidente do PDC e dos Senadores do PDC, do PDS, do PP, dos Partidos que constituíram o PP –, é, acima de tudo, Senhor Presidente, um exemplo do esforço de redução à expressão programática, que o povo pode compreender, dos partidos políticos, e incluo neste gesto o então Presidente do PRP, Deputado Adhemar de Barros Filho, aqui presente também. Foi preciso desprendimento para que se promovesse a fusão.

Amanhã e depois de amanhã, estaremos realizando a nossa convenção estatutária para adequação do programa do nosso partido à legislação atual; estaremos promovendo a discussão de temas importante para o País. Teremos a manifestação dos nossos jovens e o relatório do que o partido tem feito em matéria de participação das mulheres.

Sou de um Estado feminino, Santa Catarina. São poucos os Estados femininos. Santa Catarina é um Estado feminino. Diziam os nossos vizinhos, os gaúchos que têm outros pendores e os paranaenses que o maior homem de Santa Catarina tinha sido Anita Garibaldi. (*Risos.*) Durante um certo período em que éramos mais tolos, não nos incomodávamos. Hoje, nós nos orgulhamos disso. Por isso, quero aproveitar a oportunidade para saudar as nossas três companheiras aqui presentes: Deputada Dolores, minha companheira de chapa Sandra Guide e a Deputada Alzira Everton.

Estaremos também promovendo, através da Fundação Milton Campos, o debate de idéias, idéias voltadas, principalmente, para a

geração de emprego e para o cumprimento de uma exigência do nosso Governador Amazonino Mendes, uma boa exigência: a de desconcentração e descentralização do crescimento do nosso país, as duas grandes diretrizes que vamos debater em matéria de conteúdo de propostas da Fundação Milton Campos.

Este é um relato, Senhor Presidente, que lhe faço num momento em que registro a sua disposição, o seu propósito de promover este conagraçamento.

Nosso encontro com Vossa Excelência – e digo isto com a serenidade de quem foi seu companheiro de bancada, companheiro quase geminado, pois os Senadores aqui presentes sabem que éramos assíduos; o Levy, o Cafeteira, o Amazonino sabem disso (o Leomar é mais recente, não é testemunha), tendo eu participado, em nome do então meu partido, o PPR, da mesma campanha de que Vossa Excelência participou – o nosso encontro, repito, ocorreu em função da convergência de propósitos, em função da nossa convicção de que as reformas em curso são indispensáveis para o País e são base indispensável para a estabilidade da nossa moeda e da nossa economia.

Foi essa a razão do nosso encontro, e é em função disso que lhe agradecemos por ter promovido, neste conagraçamento, mais do que um encontro, uma oportunidade para que marquemos a nossa disposição de parceiros atuantes, conscientes, pois o PPB tem consciência de que é um grande partido, foi e é exemplo, pelo próprio processo de fusão a que me referi, de busca de coerência e moralidade na política brasileira. Toda a sociedade sabe que a pulverização de siglas não significa uma adequação de partidos a idéias ou programas. Não existem tantas idéias e tantos programas quantas são as siglas partidárias no nosso país.

Com essa responsabilidade, Senhor Presidente, temos oferecido sugestões. Como todo parlamentar, o integrante da nossa bancada tem a inquietação própria de quem acha que o que houve nas bases não pode deixar de estar presente na sua atividade. E é bom que um partido que nasceu há tão pouco tempo seja inquieto e irrequieto, combativo, e procure firmar-se. Aquele que está momentaneamente

na presidência do partido tem que estimular isso. E os dois dias da nossa convenção são para isso.

Nosso encontro com Vossa Excelência, nesta noite, é motivo para que lhe agradeçamos pela fidalguia, pela hospitalidade. Pensamos no Presidente da República – que está conduzindo com firmeza este projeto de reformas indispensável ao nosso país – como o guardião da fé que o nosso partido tem na transformação do País pela via democrática, que as reformas votadas no Parlamento podem propiciar.

É neste sentido que lhe agradecemos pela deferência do encontro. E, sem embargo daquilo que vamos decidir ao longo desses dois dias, queremos reiterar que ficaremos muito honrados com a sua visita a nossa Convenção. Gostaríamos de, interessados nos destinos do País, preservar o canal de comunicação respeitoso que Vossa Excelência abriu para nosso partido.

Sugiro às companheiras e aos companheiros, no encerramento dessas minhas já longas palavras, que ergamos uma taça para saudar a nossa fé nos destinos do nosso país.

Presidente: Senador Esperidião Amin, Presidente do Partido, meu Companheiro de tantos anos, meu Amigo, Senhores Governadores que dão a honra de nos fazer companhia esta noite, Senhores Líderes, Senhores Deputados e Senadores, Senhoras Deputadas, Senhores Prefeitos convencionais que aqui estão,

Tenho a grande satisfação de podermos hoje estar, aqui, juntos. O Senador Amin disse, com precisão, o motivo pelo qual estamos neste jantar de conagração. Faz tempo já, várias semanas, quase um mês talvez, que, em conversa com o Senador Amin, nos ocorreu que seria uma boa oportunidade de um encontro o momento da Convenção do PPB. Seria uma forma de o Presidente da República poder mais diretamente falar com cada um dos parlamentares, dos convencionais e de expressar o seu agradecimento – agradecimento pelo apoio que tem recebido por parte do partido, por parte dos Deputados, dos Senadores, dos Governadores. Mesmo antes de o partido se formar como PPB, já havia um contato estreito, primeiro do PP, que

participou da campanha, e, depois, do PPR. Também é certo o que disse o Governador Amin, nem ele diria coisas que não fossem certas: que eu encorajei a formação do partido.

Isso é verdade, e o Deputado Odelmo é testemunha disso também, assim como o Deputado Dornelles, que não estou vendo por aqui, não, está ali, bem diante a mim; e o Deputado Vadão, que está mais distante ainda, mas só fisicamente. Pois bem, eu encorajei porque acho que, neste momento tão difícil, e tão rico também, da vida brasileira – eu até diria que é mais rico do que difícil – precisamos pensar em reagrupar as forças políticas de maneira que permita um diálogo mais organizado.

A fragmentação partidária não leva à sustentação estável de um Governo e nem de uma oposição. Leva simplesmente a um burburinho, a um grupo que se forma e a outro grupo, e depois isso não tem consistência maior.

Com isso não estou querendo dizer que não existam partidos pequenos e importantes, porque os há, sobretudo quando têm uma força ideológica nova que tem que ser respeitada. Não sou partidário de nenhum instrumento legal que coíba a existência de partidos, mas o instrumento voluntário da Associação é prova de amadurecimento, é efetivo. Porque, quando existe uma disposição de agrupar – primeiro, tem que discutir, discutir idéias, discutir também posições, discutir para que serve o partido naquele momento, qual é o posicionamento –, isso facilita muito o diálogo democrático e permite que a sociedade reconheça nos partidos o esteio de alguma idéia e o esteio de um sistema político ou de um sistema de governo, ou de um governo.

Então, fui realmente encorajador desse partido e não me arrependo. Acho que, hoje, temos no Congresso um panorama que já começa a se aproximar de um leque partidário mais consistente com as demandas de uma sociedade dinâmica como é a nossa, de massas como é a nossa e que precisa encontrar pontos de referência.

A democracia está se consolidando no Brasil, mas a consolidação dela depende de que esses pontos de referência sejam mais estáveis. E os partidos são insubstituíveis no jogo democrático. Acredito que,

hoje, esse reagrupamento ajudou-nos no Congresso a divisá-los, sobretudo na Câmara, mais multitudinária, onde é mais difícil divisar já quais são as tendências existentes e também com quem dialogar, de que maneira organizar o debate.

Bastaria isso para dizer que a formação do partido foi muito positiva, mas, para mim, como Presidente, mais ainda, porque, na verdade, tenho tido apoio. Apoio não quer dizer que sempre se esteja de acordo, é outra coisa; mas tenho tido um diálogo frutífero com o partido, também quero deixar aqui muito claro, em termos adequados, em termos elevados, em termos que permitem ao Presidente, realmente, uma crescente convivência e um estar à vontade.

Naturalmente, quem exerce posições de mando sabe – e aqui muitos as exerceram – das dificuldades que existem na vida política para esse estar à vontade: reservas, preocupação quanto à interpretação do que se disse, suspicácia, a idéia de que, ao dizer tal coisa, era aquela outra. Isso não é clima que favoreça um verdadeiro entendimento.

Eu, francamente, quero ter com o PPB um verdadeiro entendimento. Já expressei isso de várias maneiras e até formalmente, ainda muito recentemente: do ponto de vista do Presidente da República, do meu ponto de vista, do ponto de vista dos partidos que formaram a coligação que me elegeu, porque eles concordam com o que estou dizendo, queremos que o PPB seja parte constitutiva do Governo, do sistema de governar o País. E isso é porque, independentemente das afinidades, do fato que eu já saudei aqui, nós precisamos – não em função de uma votação aqui, outra votação ali, é muito mais do que isso – ter um horizonte mais estável para o nosso país. E estamos chegando lá.

Ainda agora, fomos ao Japão – o Governador Siqueira Campos meu deu o prazer da companhia e viu o que está acontecendo com relação ao Brasil. Nós estamos ganhando crescentemente o respeito, porque temos rumo, porque este rumo não está sujeito a tempestades inesperadas, porque não é zigzague. Corrige-se muitas vezes, é natural, o rumo, mas a correção de rumo não se faz aos sopetões, não há surpresas, não há golpes, nem há prestidigitação, não se está enganando ninguém. E, para isso, para que possamos realmente se-

guir numa direção definida, é preciso que haja também uma sustentação definida.

Seria pueril imaginar que se fazem, que é possível fazer mudanças no Brasil sem uma grande convergência. Não sou tão cético quanto o Deputado e amigo Roberto Campos, que já me deu aqui uns conselhos, não conselhos, umas observações que seriam de desanimar quase qualquer um, mas não a mim. Posso repetir, Roberto? E não era sobre o Brasil, Ele disse que governar pode ser difícil, mas o pior é que é inútil. Eu não acho isso, nem ele, mas a verdade é que, para governar, nós precisamos efetivamente de criar um estado de espírito, uma convergência.

Não se trata de o Presidente, com a caneta, fazer isso, fazer aquilo, porque isso não muda o País, não é por aí; vai fazer, todo Presidente faz, assina, usa caneta, mas não é por aí. Só vamos mudar, mesmo, se conseguirmos criar um cimento, uma solidariedade, uma crença, uma fé. E para isso precisa de que haja quem a sustente. Não é uma pessoa que vai fazer isso, seria ridículo imaginar que um presidente... Não é um partido que vai fazer isso, por maior que ele seja, porque, na sociedade moderna, existe uma diversidade muito grande; ela é fragmentada. Então, não adianta imaginar um partido. Esse partido vai representar muito, mas não é tudo. Vamos precisar de mais força junta para levar adiante essas formações nas quais todos estamos empenhados. E o povo sente isso. O povo sente isso.

Se há uma alegria – aqui todos somos políticos – que a gente sente é quando percebe que há apoio. Eu mostrava ao Governador a última pesquisa que recebi hoje. Aumentou o apoio, tanto a mim, quanto ao Governo e quanto ao Real, em março. Aumentou o apoio com relação a novembro do ano passado. São pesquisas nacionais que se fazem de certo em certo tempo. Porque o povo sente – não é apoio a mim, perdão, pode ser até a mim, pode ser até isso, mas é o apoio a um caminho, é o apoio a um estado de espírito que está levando à mudança – que isso nós todos temos que fazer juntos, e estamos fazendo juntos.

Então, é com esse espírito que eu queria ter esta conversa hoje e, simplesmente, para agradecer. Não peço nada, já pedi muita coisa a muita gente, vivo pedindo, vou continuar pedindo. Mas hoje não quero pedir nada. Hoje eu quero realmente agradecer o fato de podermos estar juntos e desejar também que nesses dois dias de Convenção o partido se fortaleça. Sei que se vai debater; vai-se debater com brilho, haverá idéias de tais ou quais tipos, não importa. O que importa é que ele se fortaleça nesse debate.

Irei visitar a Convenção – questão só de ajustar o momento, a oportunidade – para dar mais uma prova pública daquilo que estou dizendo há algum tempo, e fazendo hoje aqui; para demonstrar que, do meu ponto de vista, o PPB forma parte constitutiva desse sistema de forças que está realmente propiciando esta mudança ao Brasil e da qual, no máximo, o que posso ser é, de vez em quando, o portavoz, alguém que, tendo ajuda dos demais, pode também, em certos momentos, ajudar a todos no rumo – que não mais é escolhido arbitrariamente, mas é um rumo hoje sustentado com ampla maioria pela sociedade.

Agradeço muito a vocês todos. Lamento sempre, como de praxe, que eu nunca tenha tempo de falar, senão de repente, com um e com outro, é uma sensação permanente de que estou devendo a alguém. Quis, como Presidente da República, pedir que o encontro fosse aqui na Granja do Torto, porque me parece que é mais íntima do que o Palácio do Planalto, que distancia mais as pessoas umas das outras. Queria dar um sinal também muito claro da intimidade que eu gostaria que, daqui para a frente, fosse a marca da nossa convivência.

Muito obrigado.